

A PARAHYBA DO NORTE E A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE HIGIENE E EDUCAÇÃO EM LONDRES (1884)

*Nayana Rodrigues Cordeiro Mariano*¹

Ao longo do século XIX, as normas de natureza médica estiveram presentes na fabricação de uma concepção de educação escolar². Limpar a casa de escola, varrer a sala todos os dias, manter as janelas abertas, fazer o ar circular, lavar o rosto e as mãos, fazer revistas de asseio nos alunos, ser vacinado e provar não ter moléstia contagiosa, construir edificações amplas, arejadas, ensolaradas, calmas e higiênicas, abastecidas de materiais, utensílios e água, edificações separadas da privacidade do lar dos professores. Essas são algumas das prescrições encontradas na legislação vigente³, nas reclamações dos presidentes da então Província da Parahyba do Norte e dos diretores da Instrução Pública, e nas discussões e debates dos que defendiam uma educação escolar higiênica e higienizadora. Essas indicações, no final do Oitocentos, vão ganhando força, visto que, ficaram cada vez mais complexas, como podemos observar, a partir das falas do médico e professor Eugênio Toscano de Brito, que traçou um panorama das condições de higiene escolar na Província, quando ocupou o cargo de diretor da Instrução Pública e foi solicitado que enviasse elementos para compor a Exposição Internacional de Higiene e Educação, realizada em Londres, no ano de 1884. Nesse texto, dialogando com o relatório da referida Exposição Internacional de Higiene e Educação, com jornais e revistas da época, e com o relatório da Diretoria da Instrução Pública, objetivamos identificar a presença de alguns preceitos médicos na configuração do padrão moderno de escola, discutindo algumas prescrições de cunho higienista presentes na organização da Instrução Pública na Província da Parahyba do Norte.

A Exposição Internacional de Londres: a Higiene e a Educação em Foco

Em 1884, o Brasil participou da Exposição Internacional de Higiene e Educação, realizada em Londres. Para Kuhlmann Júnior, as exposições “reservaram espaços privilegiados à educação e representaram momentos significativos para a sua história”⁴, estando a temática educação presente desde 1862, figurando como

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Bolsista Capes. Membro dos Grupos de Pesquisa História da Educação no Nordeste Oitocentista (GHENO) e Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista, ambos vinculados à UFPB. E-Mail: <nayanamariano@hotmail.com>.

² GONDRA, José Gonçalves. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte imperial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

³ PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira & CURY, Cláudia Engler (orgs.). *Leis e regulamentos da instrução da Paraíba no período imperial*. Brasília: SBHE; INEP/ MEC, 2004.

⁴ KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. *As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2001, p. 09.

símbolo da modernidade. As exposições, surgidas no final do século XVIII, eram feiras nacionais ou internacionais, espetáculos de crença no progresso, onde as nações apresentavam-se com seus produtos, técnicas, invenções, compactuando com um ideário evolucionista. Com o tema educação em foco, o mobiliário escolar, os compêndios, os métodos de ensino, a higiene escolar, as estatísticas educacionais, as plantas arquitetônicas de escolas, dentre outras proposituras, passaram a se destacar nesses eventos.

Havia uma intenção didática e normalizadora nessas exibições públicas, que eram visitadas por centenas de pessoas e apreciadas por representantes de diversas nações. Eram espaços que estimulavam uma classificação da humanidade e o Ocidente era representado como o ápice da civilização. Elas serviam como vitrines da história do progresso, organizadas com o objetivo de exemplificar, instruir e divertir a população. As nações participavam com o intuito de competir, de ostentar as suas invenções, os seus modelos, objetos e produtos. Eram festas gigantescas, que ficavam abertas durante meses e proporcionavam aos visitantes, viagens longínquas sem sair do seu país. A organização de uma exposição carecia de um trabalho minucioso para que fosse um sucesso. Inicialmente, a nação que sediar a feira, convidaria as demais para fazerem parte do espetáculo e esperava, com antecedência, a confirmação. Em seguida, a escolha do espaço que serviria de vitrine e os quesitos que iriam compor a exposição, eram selecionados. Tudo pensado para que o evento fosse grandioso e apreciado por um número cada vez maior de participantes e visitantes⁵.

No caso do Brasil,

*[...] por mais que tentasse apresentar suas invenções, foi sempre reconhecido 'pela floresta'. Mas pensemos um pouco mais sobre o caráter da presença brasileira nessas exibições. Para o Império, o papel delas era quase estratégico. Lá mostraríamos, além de nossas particularidades nacionais – o indígena, a mata, os produtos agrícolas -, nossa face mais civilizada.*⁶

Assim, a ideia era tornar o Império conhecido e apreciado por suas especificidades e, por isso, o imperador passou a investir nas exposições, na escolha dos produtos (café, guaraná, borracha, tabaco, açúcar, madeira, vegetais, produtos indígenas) que representariam a nação, e começou a financiar e organizar também as exposições nacionais, buscando registrar uma imagem civilizada do Brasil.

Segundo o comissário Cypriano Fenelon G. Alcoforado, a Exposição Internacional de Higiene e Educação de Londres, aberta no dia 1º de maio e encerrada em 30 de outubro, foi visitada por cerca de 4.160.000 pessoas e o espaço reservado para o Brasil ficava na galeria central do edifício South Kensington:

Aí a nossa contribuição foi artisticamente colocada em dois

⁵ SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador: D Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁶ SCHWARCZ, *As barbas do imperador...*, p. 393.

*estrados adornados com troféus de bandeiras brasileiras e armas do Império. Nesses estrados foram colocados os objetos da instrução primária e secundária da Corte, consistindo em trabalhos de agulha, bordados e flores de penas, livros de ensino e desenhos feitos por alunos das nossas escolas; bem como os desenhos mandados pelo Lyceu de Artes e Ofícios, álbuns, manuais do Instituto dos Meninos Cegos, e a coleção fotográfica dos nossos edifícios de educação.*⁷

Nessa exposição, o Brasil foi representado apenas pelo Rio de Janeiro, e limitou a sua apresentação a *elementos de educação*, não enviando dados referentes a higiene. Aos visitantes da seção brasileira, foram distribuídas *notícias* sobre as escolas primárias e sobre os estabelecimentos de educação da Corte. Da premiação conferida aos expositores, coube ao Brasil três *Diplomas de Honra*, dedicados ao Governo Imperial, a Inspetoria Geral da Instrução Primária e Secundária do Rio de Janeiro e ao Lyceu de Artes e Ofícios da Corte.

A Exposição Internacional de Higiene e Educação foi dividida em seis grupos, cada grupo com um número de classe (apresentação), totalizando 54 classes, das quais 43 com apresentações sobre higiene e 11 com apresentações sobre educação.

QUADRO 1 EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE HIGIENE E EDUCAÇÃO DE LONDRES (1884)

GRUPO	TEMA	NÚMERO DE CLASSES
1º	Alimentação	12
2º	Vestuário	06
3º	Habitações e Ambulâncias	16
4º	Escolas	07
5º	Meteorologia em Relação à Saúde Pública	02
6º	Educação	11

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir dos dados presentes no relatório da Exposição.

De acordo com os seis temas que compunham a Exposição Internacional de Higiene e Educação, as nações foram convidadas a participar do evento, devendo trazer *elementos* que exemplificassem cada uma dessas propostas. No primeiro grupo, as exposições e discussões sobre *Alimentação* estavam dispostas em 12 apresentações. Destas, foram exibidos animais e vegetais utilizados para consumo

⁷ BRASIL – Comissão Brasileira. *Trabalhos da Comissão Brasileira* [Londres: Exposição Internacional de Higiene e Educação, 1884]. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1885, p. 03.

em vários países; substâncias animais e vegetais preparadas e conservadas em latas; alimentos produzidos por insetos, como o mel de abelha; bebidas alcoólicas e não alcoólicas como chá, café e cacau; comidas para recém-nascidos e inválidos; restaurantes e culinárias de diferentes regiões; química e fisiologia dos alimentos e bebidas; moléstias advindas de uma refeição imprópria, com desenhos de parasitas; dietas específicas para casas de refúgio, exército, marinha; aparelhos para conservar, conduzir e distribuir alimentos, bem como, diversas publicações sobre o tema⁸.

Na exposição sobre *Vestuário*, os destaques foram as roupas para a prática de esportes, para salva-vidas e roupas a prova d'água. Exemplos de peles e penas também foram apreciados. Máquinas para fabricar diferentes artigos e coleções ilustradas que contavam um pouco da história do vestuário, compuseram a seção⁹.

No grupo intitulado *Habitações e ambulâncias*, modelos de ambulâncias e habitações foram expostos.

QUADRO 2 3º GRUPO: CASAS DE HABITAÇÃO E AMBULÂNCIAS

CLASSE	EXPOSTO
1	Modelos de casas de habitação, desenhos, espécime de edifícios, adequações e acessórios das moradas, peças completamente preparadas.
2	Encanamentos de água, suprimento, purificação, filtros, depósitos.
3	Esgoto, construção, ventilação, sentinas, alçapões, disposição e aproveitamento dos refugos.
4	Latrinas, mictórios, desinfetantes fluidos e pulverizados, inseticidas.
5	Fogões, grelhas, estufas, caldeiras para uso doméstico, aparelhos para ferver e aquecer água, consumo de fumaça.
6	Ventilação, guarda, passagem e purificação do ar, espaço cúbico dos quartos.
7	a) Aparelhos de iluminação elétrica nas casas e seu uso doméstico, medidores, baterias secundárias, eletrizadores, acumuladores; b) Aparelhos de iluminação a gás, medição, canalização, candelabros; c) Lâmpadas a óleo, óleos minerais, vegetais e animais, velas de cera e outras.
8	Aparelhos preventivos de fogo, engenhos portáteis, escapes domésticos.
9	Materiais de construção de casas sãs, tetos, paredes, preventivos de humidades, assoalhos, papéis e coberturas de paredes a prova de humidades, cimento.
10	Materiais são de decoração de casas, pinturas e papéis não venenosos, cobertas para assoalhos, decorações laváveis.
11	Objetos de decoração interna, uso das habitações, preparo e mobília.
12	Banhos e seus requisitos, lavanderias públicas e particulares, aplicações para própria limpeza.
13	Publicações e literatura, modelos e diagramas relativos a este grupo.
14	Máquinas e aplicações relativas ao mesmo.
15	a) Ambulâncias, socorro a doentes e feridos na guerra, transporte; b) Socorros a doentes e molestados em paz.

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir dos dados presentes no relatório da Exposição.

⁸ BRASIL, *Trabalhos da Comissão Brasileira...*, p. 07-08.

⁹ BRASIL, *Trabalhos da Comissão Brasileira...*, p. 10.

As maquetes das casas apresentadas tinham estilos diferentes, umas respeitaram “o estilo arquitetônico, a elegância, solidez e leveza das construções, outras o conforto e comodidade em ordem a higiene, conservação da saúde e prevenção de infecções e epidemias”¹⁰. Outro destaque, os *arranjos sanitários*, foram bem visitados pelos *benefícios à saúde pública*. Segundo o relatório, o interesse no assunto foi despertado pela irrupção do cólera na França e Itália, nesse ano de 1884. Logo, a importância da água encanada, dos esgotos, latrinas, materiais de construção de casas, mobílias, tudo foi apresentado de acordo com os preceitos higiênicos. O grupo intitulado *Meteorologia em relação à saúde pública* não foi relatado pela comissão, segundo Cypriano Fenelon G. Alcoforado, por falta de conhecimentos no entendimento da área proposta.

Um dos grupos mais visitados na exposição foi o das *Escolas*. Nele, tanto os especialistas no assunto, como pais, famílias e a população em geral, estiveram atentos ao que foi apresentado e discutido.

QUADRO 3 4º GRUPO: ESCOLAS

CLASSE	EXPOSTO
1	Desenhos e modelos de edifícios modernos de escolas elementares: escolas infantis e creches.
2	Aparelhos para aquecimento, ventilação e iluminação das escolas, latrinas, etc.
3	Arranjos especiais nas escolas para arrumar e secar roupa.
4	Cozinha e arranjo para a cantinagem das escolas, método de aquecer os alimentos dos meninos.
5	Precauções para impedir nas escolas a infestação de moléstias, enfermaria.
6	Aparelhos especiais para o ensino da física, ginástica, aparelhos para diversos exercícios.
7	Literatura, estatística, diagramas relativos a este grupo.

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir dos dados presentes no relatório da Exposição.

Nesse grupo, segundo a comissão brasileira, o maior aprendizado foi que “não basta adquirir a ciência, convém que ao adquiri-la não se prejudique a saúde, a força, o desenvolvimento físico”¹¹, isto é, a instrução deveria vir acompanhada de outras preocupações, não bastava adquirir conhecimentos, era importante e necessário que uma educação física, moral e intelectual caminhassem juntas. Assim, juntamente com os métodos de ensino, deveria vir a estrutura necessária para que as aulas se desenvolvessem da melhor forma possível, com higiene, mobiliário, materiais, aparelhos para exercícios físicos, cantinas, enfermarias e escolas com uma arquitetura adequada.

A instrução infantil era uma preocupação para os higienistas que, cada vez mais, debatiam e propunham projetos envolvendo educação e higiene. A

¹⁰ BRASIL, *Trabalhos da Comissão Brasileira...*, p. 14.

¹¹ BRASIL, *Trabalhos da Comissão Brasileira...*, p. 16.

construção de escolas, a inspeção médico-escolar, a importância dos exercícios físicos, a prevenção de doenças, a preocupação com a alimentação, água, circulação de ar, iluminação, banhos, vestuário, enfim, um leque cada vez maior de atuação.

O último grupo, intitulado *Educação*, contou com a participação de quase todas as nações presentes no evento, inclusive o Brasil. Com 11 apresentações, foram expostos trabalhos sobre escolas infantis e creches, escolas primárias, educação doméstica, ensino de ofícios e escolas técnicas. A apresentação do Brasil contou, além da exposição de bordados, com compêndios, fotografias e desenhos elaborados por alunos das escolas do Rio de Janeiro, com a leitura de uma

*[...] excelente memória sobre o nosso sistema de educação, as leis que a regem, a intervenção que nela tem o governo, dando notícia circunstanciada das escolas públicas, seus edifícios, sua frequência, resultados obtidos, particularizando a educação elementar do Rio de Janeiro, o Lyceu de Artes e Ofícios, os Institutos dos Surdos-Mudos e Cegos.*¹²

E, segundo a comissão brasileira, como “saúde e educação são as duas grandes forças do progresso dos povos”¹³, a Exposição Internacional de Higiene e Educação foi um sucesso, tendo o seu objetivo maior sido alcançado, que era “o exame e estudo dos meios mais adequados ao completo desenvolvimento das faculdades físicas e intelectuais da humanidade”¹⁴. Conforme Kuhlmann Júnior:

*No período em estudo, marca-se a entrada triunfal da influência médico-higienista nas questões educacionais [...]. Na educação, essa influência foi um elemento constitutivo fundamental, presente em inúmeros aspectos. São vários os médicos que de algum modo redirecionaram suas atividades profissionais ou políticas à educação, como donos de escolas, membros de órgãos governamentais, pesquisadores, membros de associações dedicadas à educação popular, etc.*¹⁵

As instituições educativas, apesar de importantes e necessárias, eram descritas no século XIX como insalubres e inapropriadas, representando um perigo para crianças e jovens, possuindo características muito próximas as das cidades, logo, o objetivo seria transformar esses estabelecimentos para que se adequassem internamente e externamente a norma proposta, contribuindo para a formação intelectual, física e moral desses educandos.

¹² BRASIL, *Trabalhos da Comissão Brasileira...*, p. 23.

¹³ BRASIL, *Trabalhos da Comissão Brasileira...*, p. 15.

¹⁴ BRASIL, *Trabalhos da Comissão Brasileira...*, p. 05.

¹⁵ KUHLMANN JÚNIOR, *As grandes festas didáticas...*, p. 109-110.

A Ausência da Parahyba na Exposição

Logo que recebeu o convite para participar desse grandioso evento internacional, o governo imperial solicitou aos presidentes de Província, que enviassem *elementos* para compor a presença da nação brasileira. Para Schwarcz, “nada combinava melhor com esse monarca que se auto representava como ‘moderno, cosmopolita e cidadão’ do que o espetáculo das exposições universais”¹⁶. Nessa Exposição de Londres, como visto, o tema era Higiene e Educação e a Diretoria da Instrução Pública da Parahyba, na figura do médico e professor Eugênio Toscano de Brito, traçou um panorama das condições de higiene escolar na Província.

Eugênio Toscano de Brito (1850-1903) nasceu na cidade da Parahyba, onde fez seus estudos primários e os preparatórios. No Rio de Janeiro, estudou na Faculdade de Medicina, obtendo título em 1879. De volta à terra natal, dedicou-se ao magistério, a medicina e ao jornalismo, sua paixão. Exerceu os cargos de diretor da Instrução Pública, diretor da Escola Normal e do Lyceu Paraibano, foi professor de diversas disciplinas, inspetor de Saúde Pública, vacinador provincial, cirurgião-mor da Província, dentre outras funções. Escreveu para a revista *A Ideia* e para o jornal *O Publicador*, fundou *A Gazeta da Paraíba* e *O Paraibano*¹⁷. Como visto, Eugênio Toscano de Brito circulou entre os campos da medicina e da educação na Parahyba do Norte.

O jornal *O Liberal Parahybano*¹⁸, em 31 de março de 1884, anunciou que a exposição tinha como objetivo conhecer, “não só os alimentos, o vestuário, a habitação, a escola e a oficina em todos os países, sob o ponto de vista higiênico, mas também os melhoramentos modernos nas escolas elementares [...]”. Também dedicou um largo espaço para elencar os *elementos de educação e higiene* que a Província poderia enviar, tais como: desenhos e modelos de escolas, aparelhos para aquecer, ventilar e iluminar, rouparia, cozinhas escolares, precauções para evitar o desenvolvimento de moléstias contagiosas nas escolas, enfermarias, aparelhos de ginástica, mobílias, livros de leitura, espécimes de trabalhos feitos nas escolas, pedagogia intuitiva, dentre outros exemplos. O jornal salienta que “é proibida a remessa de materiais inflamáveis e de toda e qualquer substância nociva”, e que nenhum *elemento* será recebido em Londres depois do dia 15 de abril de 1884.

Como diretor da Instrução Pública, Eugênio Toscano de Brito justificou a ausência da Província da Parahyba na Exposição Internacional de Higiene e Educação:

As nossas escolas públicas ainda ressentem-se dos primeiros dias dos tempos coloniais, com todos os seus

¹⁶ SCHWARCZ, *As barbas do imperador...*, p. 388.

¹⁷ BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. “Eugênio Toscano de Brito”. In: BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico (org.). *Pequeno dicionário dos escritores/ jornalistas da Paraíba do século XIX: de Antonio da Fonseca a Assis Chateaubriand*. João Pessoa: s.r., 2009, p. 36-37. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/>>. Acesso em: 27 ago. 2014.

¹⁸ O referido jornal era um órgão do Partido Liberal, de tiragem semanal, que circulou na Província de 1879 a 1889, dirigido pelo Dr. Antonio Alfredo da Gama e Mello. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

*defeitos e antigualhas; e os edifícios em que elas funcionam em quase toda a Província são velhos pardieiros sem ventilação apropriada, sem meios higiênicos, e impossíveis para o mestre escola funcionar nos tempos invernosos.*¹⁹

Edifícios velhos, em ruínas, pardieiros, esse é o início da situação relatada pelo diretor para justificar o não envio de *elementos sobre higiene e educação* para a referida Exposição Internacional. Para ele, “infelizmente nesta Província nada, absolutamente nada há que possa servir para dita exposição, a não ser para mostrar o nosso atraso em matéria de ensino e educação”²⁰. O documento enfatiza a falta de asseio, de utensílios, de cômodos, “princiando por esta Capital, as aulas públicas funcionam em casas más, em pequenas salas onde se aglomeram 50, 80 e mais alunos”²¹.

Eugênio Toscano de Brito ainda chama a atenção para os perigos enfrentados pelos alunos que tem que passar *horas sentados* em um ambiente *pequeno*, respirando um *ar viciado*, suportando *altas temperaturas*. Segundo o diretor, a situação piora, pois os proprietários não fazem melhorias nas habitações e canos de esgotos danificados inundam as salas e concorrem com as goteiras. Preocupações da ordem médica vão, dessa forma, penetrando o cotidiano escolar e a higiene é apresentada sempre como condição indispensável para a sua organização.

Como podemos perceber, as preocupações vão ficando mais complexas, além da higiene do ambiente e de espaços amplos para acomodar os alunos, o diretor, que é formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, faz menção a temperatura da sala, a umidade das paredes no inverno, a preocupação com a coluna vertebral dos alunos que passariam de cinco a seis horas sentados sem intervalo. Também questiona a mobília, a arquitetura, a topografia, que são apontados por ele como requisitos que deveriam ser pensados para o bom desenvolvimento da instrução na Província. O médico ressalta que:

*A mobília das escolas não passa de velhos e pesados bancos de madeira sem comodidade alguma para os meninos, que passam assim, 5 e 6 horas por dia em posição assaz incômoda e fazendo equilíbrio sobre a coluna vertebral. E o que direi sobre o método de ensino?*²²

Em *A Mãe de Família*²³, a mobília escolar foi tema de um artigo do Dr. Léon Fournol, em maio de 1882, sobre os meios de evitar os desvios da coluna vertebral.

¹⁹ PARAHYBA DO NORTE. *Officio apresentado pelo presidente da Provincia da Parahyba do Norte, Ayres do Nascimento, em 31 de agosto de 1884*. Parahyba: Typographia dos herdeiros de J. R. da Costa, 1884, p. 61.

²⁰ PARAHYBA, *Officio apresentado...*, p. 61.

²¹ PARAHYBA, *Officio apresentado...*, p. 60.

²² PARAHYBA, *Officio apresentado...*, p. 61.

²³ O jornal publicado quinzenalmente no Rio de Janeiro tinha como redator principal o médico Carlos Costa, especialista em moléstias das crianças, e se apresentava como “científico, literário e ilustrado”, tendo como preocupações a “educação da infância e higiene das famílias”. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 08 jun. 2014.

Na discussão, o médico diz que a mobília das escolas é *essencialmente defeituosa*, podendo acarretar problemas de saúde. Com a coluna vertebral envergada, o aluno dificultaria a circulação nos membros inferiores e as funções digestivas. Para ele, os professores, ao tomarem a leitura ou solicitarem a escrita, não se preocupavam com a correta posição ocupada pelos alunos nos bancos e cadeiras disponíveis nas escolas, multiplicando uma *prática detestável*. Segundo o Dr. Fournol,

*[...] é muito fácil remediar este nocivo estado de coisas; dar as crianças uma mesa carteira ligeiramente inclinada sobre a qual os dois braços possam apoiar-se de maneira a manter o corpo em equilíbrio; uma cadeira com costa larga na qual a parte lombar da coluna fique bem acomodada; recomendar uma ligeira obliquidade do papel e não fazer durar muito as lições de escrita: tais são os principais meios de obter bons resultados.*²⁴

Logo, se as escolas adquirissem uma mesa carteira, isto é, um utensílio que servisse para sentar, acomodando as costas e apoiando os braços para escrever, facilmente esses problemas seriam resolvidos. Assim, a parte inferior do tronco seria sustentada satisfatoriamente, as pernas dobrariam em ângulo correto, os pés tocariam o chão, a coluna ficaria apoiada e as dores e fadigas provocadas por uma postura errônea, seriam evitados.

Essa preocupação com a coluna vertebral dos estudantes que permaneciam sentados por horas na sala de aula, foi tema de uma matéria no *Anuário do Ensino* de 1895, que trouxe a publicação de um modelo denominado *banco carteira*, de autoria do professor Amando Vidal. Junto com a indicação do referido banco, vem uma matéria assinada pelo Dr. Menezes Vieira, sobre a importância de um *aparelho banco escrivantina* para os alunos que passam *horas na sala de aula sentados*. O banco é indicado por ser considerado higiênico, prático, econômico e, favorável à disciplina escolar:

*1 – É higiênico, porque pode ser fácil e comodamente adaptado a qualquer aluno de 7 a 13 anos de idade; 2 – É favorável a disciplina escolar, porque pertence ao sistema individual e suas peças, uma vez fixadas pelo professor, não podem ser deslocadas pelo educando; 3 – É sólido, elegante, de fácil conserto e transportável em pequeno volume; 4 – É aseado, porque a disposição do tinteiro permite retirar apenas o líquido indispensável e facilita a frequente e completa limpeza do vaso; 5 – Finalmente, deve ser econômico, porque todas as peças podem ser feitas em qualquer serraria de primeira ordem.*²⁵

²⁴ FOURNOL, Léon. “Meios de evitar os desvios da coluna vertebral e especialmente as incurvações laterais”. *A Mãe de Família*, n. 08, ano 4, mai. 1882, p. 61. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 08 jun. 2014.

²⁵ Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

As recomendações da ordem médica ficam cada vez mais complexas, o banco é apresentado como útil por acomodar o aluno de forma adaptada a sua idade escolar, ao seu tamanho, uma preocupação que passa a ser pensada e discutida. Também é indicado por ser um utensílio limpo e de fácil higienização, prevenindo, assim, possíveis contaminações ou contatos indesejados.

Comungando desse ideário, o médico e professor Eugênio Toscano de Brito, denuncia que, além de passar de *5 a 6 horas por dia sentados*, na mesma posição, os alunos têm que suportar a *pressão de um calor muitas vezes insuportável*. Salas pequenas, com a quantidade de alunos que vai de *50 a 80*, segundo o diretor, “*não é exagero o que digo, estes fatos deram-se na 2ª e 3ª aulas públicas desta cidade*”²⁶, o ambiente torna-se pesado e o ar corrompido, pelo elevado número de estudantes e pelas altas temperaturas enfrentadas, contribuindo para a insalubridade do espaço, um ambiente educacional hostil à saúde, pela presença de agentes patológicos. Para Brito, não é somente isso:

*Depois de celebrado o contrato com a província, o proprietário julga-se eximido de fazer o menor conserto [...]. No fim de pouco tempo o ladrilho, já velho e estragado, desaparece; os canos para esgoto das águas pluviais estraga-se e inundam as salas; as goteiras vem por sua vez fazer a eles concorrência nesse debreio, e as paredes umedecidas de cima a baixo atestam até a volta do verão a inundação que passou.*²⁷

Na época do inverno, as casas de escola, sem estrutura decente, ficariam úmidas, com goteiras e, com a invasão das águas da chuva, os professores eram obrigados a dispensar os alunos. Já no verão, com salas lotadas, as altas temperaturas deixariam o ambiente insuportável. Para ele, como os proprietários não faziam os devidos consertos, quando solicitados respondiam que *a Província que é rica que faça*, ficava a educação escolar prejudicada. Por isso que uma organização da instrução que levasse em consideração as normas médicas foram apresentadas como de fundamental importância.

Em 1889, a revista de tiragem mensal da Associação do Professorado Catarinense, denominada *Professor*, em seu primeiro número, dedica duas páginas ao tema *Higiene na escola*, tendo na comissão redatora o Dr. Luiz Augusto Crespo, Dr. Paula Guimarães e Fausto Augusto Werner. Segundo o periódico, a higiene das escolas é assunto que merece toda a atenção, mas tem sido descuidado, já que desde a escolha da casa onde as aulas se desenvolvem, passando pela mobília, material, programa, método, *tudo está em desacordo com o que determina a higiene*. As escolas são descritas como *verdadeiros atentados contra os preceitos da ciência*, por ignorarem a higiene, *essa ciência admirável e utilíssima*. Assim,

²⁶ PARAHYBA, *Officio apresentado...*, p. 60.

²⁷ PARAHYBA, *Officio apresentado...*, p. 60. Grifo do autor.

*[...] não há espetáculo mais desanimador do que o de uma escola entre nós. Em uma sala, quase sempre acanhada, escura, mal ventilada, acumulam-se as crianças voltadas para o martírio da imobilidade, sentadas em bancos trôpegos, escrevendo mal em carteiras uniformes, que tanto servem aos de maior como aos de menor idade, obrigando-se a posições viciosas e consequentes deformações crônicas.*²⁸

Além das preocupações com o tamanho do espaço, com a circulação de ar, com a higiene do ambiente, outras questões são debatidas, como a importância de uma mobília adequada a idade escolar, o cuidado com a coluna vertebral, ou a indicação da atividade física:

*Nunca recebeu mais alta confirmação do que hoje que a higiene exuberantemente provou os graves inconvenientes do sistema de educação que procura desenvolver a inteligência a custa do corpo, obrigando-se o cérebro a excessivo trabalho e deixando-se de parte os exercícios físicos indispensáveis a uma idade em que a fisiologia exige o movimento para o pronto e fácil desenvolvimento das funções físicas. Daí o favor com que são apregoados os exercícios ginásticos nos colégios e o clamor dos médicos e dos pedagogistas contra o excesso de trabalho intelectual, cujo resultado, definhamento do corpo e embotamento da inteligência.*²⁹

As proposições médicas para a educação escolar revelam a abrangência do seu raio de ação. Nesse universo, a medicina passou a infundir normas que iam do ato de lavar as mãos, as preocupações ortopédicas. Diagnosticando doenças contagiosas, orientando a materialidade do prédio escolar, indicando os cuidados com o corpo e as roupas, divulgando a importância da vacinação, produzindo saberes e poderes, a ordem médica foi consolidando um discurso higiênico sobre a educação.

No Império, a doença começou a ser vista como um problema social, para tanto, eram necessárias autoridades legítimas, para lidar com a prevenção das enfermidades e a promoção da saúde. O mundo urbano, com suas instituições, seus estabelecimentos, sua população, foi diagnosticado como passível de regulamentações e a medicina, passou a impor, através de lutas políticas, seus saberes e práticas. Nesse percurso, assumiu um papel pedagógico, já que havia a necessidade de difusão dos seus conhecimentos. Nesse sentido, as instituições, como as escolas, que possuem uma finalidade social, também foram alvos da medicina,

²⁸ CRESPO, Luiz Augusto; GUIMARÃES, Paula & WERNER, Fausto Augusto. “Higiene na escola”. *Professor Revista Mensal da Associação do Professorado Catarinense*, n. 1, ano 1, ago. 1889, p. 01-03. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 14 jan. 2014. Grifos meus.

²⁹ Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 14 jan. 2014. Grifos meus.

que as diagnosticou como as cidades. As escolas eram vistas como importantes, mas deveriam passar pelo crivo médico, caso contrário, representariam um perigo para a população e, conseqüentemente, para o futuro da nação. Nesse processo, uma regulamentação externa e interna, por fora e por dentro, transformaria essa instituição em uma poderosa arma do desenvolvimento da sociedade.

A educação escolar como promotora de uma nova sociedade, esteve presente nos discursos e debates no Brasil Oitocentista. Assim, diferentes saberes e práticas estiveram presentes nessas construções discursivas, que objetivavam auxiliar na formação de uma nação civilizada. A medicina, que para Foucault “é uma técnica política de intervenção, com efeitos de poder próprios”³⁰, se colocou como um dos pilares responsáveis por essa edificação, em nome da ordem, do progresso e da razão. A crença na formação da infância, a partir da educação escolar, mobilizou diferentes agentes do governo e da sociedade, que passaram a investir cada vez mais nesse setor. Assim, regulamentações variadas, como as que vimos aqui, começaram a dar forma ao universo e a população escolar.

Ao justificar a ausência da Província da Parahyba do Norte no envio de elementos para a Exposição Internacional de Higiene e Educação, Eugênio Toscano de Brito aponta as carências enfrentadas pela instrução, especialmente no tocante a higiene, visto que, na sua impressão como médico, a educação escolar estava doente. No seu relato, reclama por prédios com acomodações sadias, ou melhor, com ar em abundância, claridade, dimensões adequadas, com assoalho e telhado regulares, janelas, cômodos suficientes, sem umidade, goteiras ou altas temperaturas. Escolas com utensílios adequados e móveis cômodos, respeitando a idade dos alunos. Denunciando as condições a que estavam sujeitos os educandos, o médico indicava como imprescindível, as regulamentações de natureza médica. Logo, o edifício escolar, a aula, a mobília, a higiene do/ no espaço de ensino, as doenças escolares, enfim, uma abrangência de condições legitimava a intervenção médica no campo pedagógico.



³⁰ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 302.

RESUMO

Durante o século XIX, as normas de natureza médica estiveram presentes na fabricação de uma concepção de educação escolar. Limpar a casa de escola, varrer a sala todos os dias, manter as janelas abertas, fazer o ar circular, lavar o rosto e as mãos, fazer revistas de asseio nos alunos, ser vacinado e provar não ter moléstia contagiosa, construir edificações amplas, arejadas, ensolaradas, calmas e higiênicas, abastecidas de materiais, utensílios e água, edificações separadas da privacidade do lar dos professores. Essas são algumas das prescrições encontradas na legislação vigente, nas reclamações dos presidentes da então Província da Parahyba do Norte e dos diretores da Instrução Pública, e nas discussões e debates dos que defendiam uma educação escolar higiênica e higienizadora. Essas indicações, no final do Oitocentos, vão ganhando força, visto que, ficaram cada vez mais complexas, como podemos observar, a partir das falas do médico e professor Eugênio Toscano de Brito, que traçou um panorama das condições de higiene escolar na Província, quando ocupou o cargo de diretor da Instrução Pública e foi solicitado que enviasse elementos para compor a Exposição Internacional de Higiene e Educação, realizada em Londres, no ano de 1884. Nesse texto, dialogando com o relatório da referida Exposição Internacional de Higiene e Educação, com jornais e revistas da época, e com o relatório da Diretoria da Instrução Pública, objetivamos identificar a presença de alguns preceitos médicos na configuração do padrão moderno de escola, discutindo algumas prescrições de cunho higienista presentes na organização da Instrução Pública na Província da Parahyba do Norte.

Palavras Chave: Higiene; Educação; Parahyba do Norte.

ABSTRACT

During the 19th century, medical standards were present in the manufacture of a conception of school education. Clean the school house, sweeping the room every day, keep the Windows open, make air circulate, wash your face and hands, making grooming magazines in students, get vaccinated and prove contagious disease, not build large buildings, airy, sunny, calm and hygienic, supplied materials, utensils and water, buildings separated from the privacy of home teachers. These are some of the requirements found in the existing legislation, the complaints from Presidents of the then Province of the North and of the directors Parahyba of public instruction, and in the discussions and debates of defending a hygienic school education and hygienist. These indications, at the end of the 19th century, are gaining strength, since they were increasingly complex, as we can observe, from lines of doctor and professor Eugênio Toscano de Brito, which traced a panorama of school hygiene conditions in the province, when he held the position of Director of public instruction and was requested to send elements to compose the International Exposure of hygiene and Education held in London, in the year 1884. In this text, dialoguing with the report of the international exhibition of Education and hygiene, with newspapers and magazines of the time, and with the report of the Board of public instruction, we aimed to identify the presence of some medical precepts on the configuration of the modern standard of school, discussing some requirements of a hygienist in organization of public instruction in the Province of Parahyba do Norte.

Keywords: Hygiene; Education; North Parahyba.

Artigo recebido em 12 set. 2014.

Aprovado em 22 out. 2014.